

Discurso de Abertura da 39ª reunião anual da ANPED

Quero começar cumprimentando todos e todas aqui presentes. São 1947 pesquisadoras/es inscritos nesta 39ª reunião nacional da ANPED. Um evento deste porte, neste momento da educação brasileira, é um grande ato de resistência. É uma grande satisfação também que este seja o momento de abertura da Agenda Acadêmica da UFF de 2019, evento que mobiliza toda a comunidade universitária.

Quero cumprimentar todas as autoridades presentes nesta abertura, pois mais que uma formalidade, esta composição extensa de representações tem o sentido preciso de uma afirmação da nossa forma de entender a construção da pesquisa e da educação como uma ação coletiva.

Assim,

Comprimento e agradeço a acolhida do Senhor Reitor da UFF, Prof. Antônio Claudio Lucas da Nóbrega.

E na figura da Secretaria de Educação de Niterói, que também nos deu uma grande acolhida na cidade de Niterói, tomo a liberdade de cumprimentar a todas as autoridades, companheiras e companheiros de luta presentes nesta solenidade e já nominados pelo nosso querido mestre de cerimônia.

Mas quero cumprimentar e agradecer especialmente aos colegas da UFF.

Ao Jorge Najjar que acolheu inicialmente a proposta de construirmos a 39ª Reunião da ANPED em Niterói (que sua saúde se restabeleça com brevidade e plenamente). Junto com Jorge quero cumprimentar Marcelo Mocarzel e Karine Morgan que acompanharam toda a construção desta reunião na linha de frente.

Quero cumprimentar enfaticamente Rosane Marendino diretora da Faculdade de Educação da UFF.

Cumprimento, especialmente Maria Teresa Esteban que na hora crítica segurou as nossas mãos como só companheiras de muito compromisso o fazem. Estendo o agradecimento ao Paulo Cesar Carrano, sempre um porto seguro para a construção da

ANPED. E aos colegas, Dinah Terra, Carmem Peres, Flavia dos Santos Soares, Bruno Dassiê, Hustana Vargas, Monica Vasconcelos, Marcos Marques e todos os servidores da UFF que mobilizaram esforços para nos acolher. Cumprimento também todos os estudantes de graduação e pós-graduação da UFF envolvidos nas atividades de monitoria deste evento.

É preciso também agradecer à equipe de funcionários da ANPED, que são nossa âncora para dar conta da construção da vida nesta associação, e por isto acho importante nomeá-los: Cleide Litman, Roseane Affonso, Simone Farias, Roberto Oliveira, João Marcos Veiga, Camila Shaw e Luiza Tulani Aguiar de Oliveira.

Preciso também agradecer o esforço e novamente a parceria com o Prof. Nelson Preto e seu grupo de pesquisa que compõe a equipe de cobertura desta Reunião Nacional.

O tema desta reunião nacional é “Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências”. Este tema foi definido coletivamente aqui em Niterói em julho de 2018. Portanto, ainda no período pré-eleitoral quando tínhamos muitas incertezas quanto aos rumos do país. Estávamos, naquele momento, entre um cenário de esperança na retomada de uma perspectiva de inclusão ou de preocupação com o aprofundamento da restrição dos direitos sociais. De toda forma, tínhamos uma certeza, qualquer que fosse o resultado eleitoral, o que vivemos a partir do golpe de 2016 não estaria resolvido. As condições de alteridade nas relações sociais estavam e estão sob ataque. Por isto, com qualquer resultado eleitoral, aqueles que na sociedade brasileira entendem que é preciso vivermos juntos com dignidade e respeito, seguiriam tendo que resistir.

Infelizmente, o pior cenário possível se estabeleceu com a eleição. Temos dito, em muitas frentes, que o que enfrentamos é a combinação entre austeridade fiscal, neoconservadorismo e autoritarismo político.

A austeridade fiscal designa uma perspectiva de intervenção econômica do Estado que claramente beneficia os interesses do capital transnacional, do capital financeiro que tem interessados nacionais poderosos que disputam a direção do fundo público privilegiando a concentração de renda e a abertura de mercado. Os dados do aumento da desigualdade de renda divulgados esta semana pelo IBGE são alarmantes: a distância entre o 1% mais rico e os 50% mais pobres no país está em 33,8 vezes. Ainda que com diferenças de metodologia, esta desigualdade havia declinado até 2013. Estes são elementos que perpassam a reforma trabalhista, a reforma da previdência, o redesenho profundo do orçamento federal com a materialização da Emenda 95 nos cortes em políticas sociais como um todo, e especificamente, no nosso campo, nos cortes no sistema federal que impactam o conjunto da educação. A execução orçamentária do governo federal com Ensino Superior até outubro deste ano foi de 75% do investimento realizado em 2015, e na educação básica os gastos alocados equivalem a 80% do realizado em 2015. (Portal da transparência federal). Esta semana acompanhamos a notícia da liberação dos recursos recolhidos nas universidades federais. Mais um episódio do desrespeito. A tensão e o desmonte de qualquer perspectiva de planejamento no interior das universidades juntam-se agora à grande possibilidade da impossibilidade de executar o orçamento completo dada as regras orçamentárias anuais. Esta imensa confusão financeira se alia bem aos processos de intervenção na nomeação de reitores e na formulação autoritária do projeto Future-se, que ainda que rechaçado pela maioria da comunidade acadêmica foi reapresentado em mais uma perversa versão.

Ainda, aliado aos cortes na educação a situação da ciência e tecnologia no Brasil é absurda. Os cortes de bolsas e os retornos parciais das bolsas na CAPES, com ênfase em resultados de avaliação inconclusa deste quadriênio, cria um cenário de competição mais acirrada e induz a secundarizar o debate do financiamento. Os Cortes no CNPQ inviabilizam a pesquisa no Brasil. A diminuição proposta para o orçamento

de C&T em 2020 é assombrosa: praticamente não haverá recursos para fomento no CNPQ e a CAPES tem um corte de 40% na previsão orçamentária.

Aliado ao caos orçamentário constrói-se um caos de gestão: as notícias de uma absurda fusão entre CAPES e CNPQ é mais uma das muitas ações de desrespeito ao patrimônio público que construímos, a passos lentos, e sempre difíceis, na pesquisa e de pós-graduação no país.

Mas, o que parece ainda haver de novo neste enredo? Já vivemos políticas de austeridade em outros tempos, porém parece que tem duas dimensões para as quais precisamos dirigir nossas atenções: uma é que o enxugamento do Estado proposto é um enfrentamento à expansão de direitos que efetivamente se construiu nos últimos anos. A Emenda 59 tem uma perspectiva de mais educação, para mais gente, as cotas nas universidades gritam, em voz alta, que a universidade tem que ter outra composição que responda à diversidade da população brasileira. Para atacar esta expansão de direitos, o neoconservadorismo apresenta uma agenda que se compõe fundamentalmente da negação do direito ao outro existir como é.

Isto significa negar a existência de pobreza extrema, tivemos que ouvir que no Brasil não há pobres, pois não temos pessoas tão magras como na África, uma construção retórica deste tipo justifica de maneira simplória, mas não inocente, cortes em programas de renda mínima como o bolsa família. Negar a legitimidade da pesquisa científica, constrói um enredo de desperdício de recursos nas universidades e nas escolas. O ataque a divulgação de dados de desmatamento na Amazônia é apenas a ponta de um iceberg de negação do conhecimento científico e compõe bem com o desmonte das agências de pesquisa. Os crimes ambientais de Mariana, de Brumadinho e agora o vazamento de óleo no nordeste, são o grito de muitos crimes contra o futuro do Brasil que seguem em curso.

Mas, se analisarmos esta dimensão apenas em termos econômicos não vamos entender a política de ódio. Lembrando de maneira um pouco indisciplinada da obra de Polany,

os sujeitos em sociedade operam para defender seus interesses econômicos, mas, também operam para defender suas posições, seu status seus privilégios. O que a inclusão de negros, indígenas, pessoas com necessidades especiais, sujeitos LGBT, no espaço escolar significa? O que a aprovação de um conjunto de diretrizes curriculares ricas em pluralidade de ideias e de sujeitos significa? Aqui está um desafio ainda maior. Que interesses e posições foram feridas em um país onde a renda dos 20% mais ricos começa em 2.262 reais per capita? Certamente o apoio que levou Bolsonaro à presidência da república significa que parte da população não entende a necessidade de um país que inclua a todos e todas. Sobre isto ainda precisamos nos debruçar.

Em termos políticos, esta insatisfação de parte da população foi catalisada por um discurso de combate a corrupção. Quanta vezes na história já vimos este discurso escamotear outros interesses?

Não podemos tratar como um tema menor o fato de termos provas de fraudes processuais que levaram um ex-presidente para prisão. Vivemos no Brasil hoje com a figura de um preso político. A agenda Lula Livre não deve ser tema de um partido, ela é uma questão estrutural da defesa da democracia, qualquer que seja nossa avaliação sobre avanços ou recuos da política pública nos anos 2000.

Mas, enfim, Como esta conjuntura tão difícil se encontra com as nossas pesquisas? Olhando rapidamente o programa dos Gts, das sessões especiais, dos minicursos, das sessões conversa e de tantas outras atividades que ocorrerão nestes 5 dias de reunião da ANPED. É seguro dizer que esta agenda urgente de compreender como chegamos ao Brasil de 2019 compõe em múltiplas dimensões a agenda das pesquisas que fazemos.

Os temas em debate aqui nos próximos 4 dias perpassam as múltiplas escalas destes desafios: desde leituras do movimento internacional, onde a agenda conservadora e ultraliberal tem conexões, até os estudos do cotidiano das relações que sustentam o fenômeno educativo na escola e nos movimentos sociais. Nossa capacidade de

reflexão, fruto do trabalho árduo de pesquisadores experientes e iniciantes certamente são nosso melhor instrumento de resistência.

Esta resistência que marcou a fundação da ANPED em 16 de março de 1978 e faz história nestes 40 anos de mobilização de pesquisadores individuais e sócios institucionais. Esta 39ª reunião também marca a finalização da comemoração destes intensos 40 anos de associação. Além de comemorar a longevidade da associação e a intensidade da participação de muitos nesta construção, gostaríamos de lembrar que neste percurso alguns bravos pesquisadores, militantes da ANPEd, nos deixaram. Certamente, seguem presentes na contribuição que fizeram ao pensamento educacional brasileiro. São muitas as perdas de uma associação com 40 anos de história. Mas, especialmente esta semana fomos surpreendidos pela perda da prof. Jaqueline de Moraes, vice coordenadora do Gt ensino fundamental na gestão 2017-2019, e pela partida do professor Alceu Ferraro que presidiu a ANPED nas gestões 1989-1991 e 1991-1993. Para marcar nosso reconhecimento à trajetória destes dois pesquisadores, gostaríamos de dedicar aqui uma forte salva de palmas aos dois.

Nesta trajetória de 40 anos, nossa associação cresceu e tem feito uma grande história. Alguns dos marcos desta jornada poderão ser vistos na mostra comemorativa dos 40 anos organizada pela equipe de comunicação e pela prof. Sonia Araújo, várias reflexões sobre esta jornada e sobre nossos próximos 40 anos podem ser debatidos a partir do recém lançado dossiê da RBE. Mas quero também destacar duas ações que celebram nosso futuro: uma é a realização da Oficina da UPMS – que começou hoje as 07 horas da manhã reunindo 70 participantes e a efetivação a seguir de um protocolo de colaboração permanente entre a ANPED e a UPMS, mas quero destacar também que amanhã pela manhã assinaremos um protocolo de colaboração com o Fórum de Secretários de Programas de Pós-graduação que tem se fortalecido no âmbito das reuniões regionais e nas reuniões nacionais da ANPED..

Finalmente, é preciso acreditar que pesquisar e divulgar os resultados da pesquisa é fundamental para combater o obscurantismo que sustenta as práticas de violência física e simbólica que cresceram neste país.

Que estes dias sejam de afirmação do direito à educação, de defesa da democracia e de uma partilha do que temos de melhor em termos de produção científica. Lembrando o poeta Bertold Brecht: “Nossos inimigos dizem: Mesmo que ainda se conheça a verdade. Ela não pode mais ser divulgada. Mas nós a divulgamos.” Pois, é nesta ação de falar sobre o que sabemos, que podemos reafirmar a certeza de que temos pelo que lutar, que fazemos parte de um grande coletivo que vê no respeito pelo outro e no diálogo com o outro, a única possibilidade de vivermos juntos.

Que tenhamos uma grande 39ª reunião!

Andréa Barbosa Gouveia

Niterói, 20 de outubro de 2019